UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

LIZANDRA SANTOS SANTANA

QUADRILHA ASA BRANCA:
MUITO MAIS QUE UMA HISTÓRIA DE AMOR

Salvador
2016.1

LIZANDRA SANTOS SANTANA

QUADRILHA ASA BRANCA:
MUITO MAIS QUE UMA HISTÓRIA DE AMOR

Memorial descritivo da fotorreportagem "Quadrilha Asa Branca: Muito mais que uma história de amor", apresentada como requisito para a obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Rodrigo Rossoni

Salvador
2016.1

AGRADECIMENTOS

Aos ex-brincantes e atuais dançarinos da Asa Branca, que dedicaram um pouco do seu tempo para conversar comigo e me acolherem em todos os momentos em que precisei. Sem vocês, esse projeto não existiria.

Aos que abriram as portas das suas casas para mim, em especial ao fundador da quadrilha Alexandre Chaves, aos noivos maravilhosos Aline Assis e Leandro de Oliveira, a doce Ísis Carla, ao fantástico Rubem Damasceno e família, às histórias contadas por Soiane Gomes, ao casal Roberto Cândido e Tereza Montenegro e ao amigo Eduardo Lemos. Aos que participaram de alguma forma e não foram citados aqui, sintam-se profundamente agradecidos. Todos vocês me ensinaram o verdadeiro significado do amor pelo movimento junino.

Ao professor Rossoni, pelo acompanhamento durante esses quase dez meses de pesquisas, à paciência e incentivo em entrar no Labfoto para que pudesse aperfeiçoar as técnicas e o meu olhar fotográfico, pelas críticas que me fizeram ver o outro lado das minhas escolhas e produções.

Ao professor Severino, pelos ensinamentos durante o curso de Produção Cultural, que ampliaram minha visão de mundo sobre outras culturas e sobretudo sobre minha própria cultura.

Agradeço também ao meu tio Alexsandro Castanha, pelo apoio e contribuições durante os eventos da Quadrilha em que acompanhei, pelas broncas e puxões de orelha. (Risos)

Por fim, aos meus familiares, que sempre me apoiaram nas minhas escolhas e me deram todo suporte desde sempre.

“Eu vim aqui só pra lembrar
Que ninguém vai poder nesta vida vencer sem lutar!
Pois, a vitória é uma semente semeada no chão!
(...)
Plantei uma árvore que dá fruto
Fiz uma canção pra se cantar
Eu vou caminhando dizendo
Queira ou não queira eu chego lá!”

(Marinês, em “eu chego lá”)

RESUMO

A Quadrilha Asa Branca é um grupo de forró junino tradicional, oriunda da Bahia e remanescente da Cultura Nordestina, que vem perdendo espaço ao longo do tempo por conta da invasão dos novos produtos da indústria Cultural no período do São João. Ela representa a Memória e identidade do povo nordestino e carrega consigo os traços da cultura denominada popular. A falta de valorização do estado, a ausência de políticas públicas para a manutenção dessa Manifestação Cultural, e até mesmo a desorganização dos quadrilheiros são entendidos como motivos para que as quadrilhas estejam caindo no esquecimento. A proposta da fotorreportagem multimídia sobre a quadrilha é mostrar, através de imagens, áudios e legendas, em formato slideshow, o que ainda torna o movimento junino atraente para os que fazem parte dele, quais as dificuldades existentes neste meio e quais os significados em comum para aqueles que ainda lutam para manter as tradições juninas vivas.

Palavras chave: Cultura; Quadrilha; São João; Cultura Nordestina; Manifestação Cultural.

ABSTRACT

The Quadrille Asa Branca is a group of traditional junino forró, coming from Bahia and the remainder of the Northeastern Culture, which has been losing ground over time due to the invasion of new products of cultural industry in the period of Saint John. It represents the memory and identity of the northeastern people and carries the traces of popular culture named. The lack of state valuation, the lack of public policies for the maintenance of this cultural manifestation, and even disruption of gang members are seen as reasons why gangs are falling by the wayside. The proposal multimedia photojournalism on the gang is to show, through images, audios and subtitles in slideshow format, which still makes it attractive junino movement for those who are part of it, what are the difficulties in this medium and what meanings in common for those who are still struggling to keep alive bonfire traditions.

Keywords: Culture; Gang; Saint John; Northeastern culture; Cultural manifestation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 7
2. QUADRILHA ASA BRANCA: MUITO MAIS QUE UMA HISTÓRIA DE AMOR . 11
3. A FOTORREPORTAGEM: Quadrilha Asa Branca..... 25
3.1 Fotografia e Fotojornalismo 25
3.2 O Surgimento da Fotorreportagem..... 29
3.3 O Formato 33
4. PERCURSO METODOLÓGICO 35
4.1 A Narrativa..... 36

1. INTRODUÇÃO

“Quadrilha Asa Branca: Muito Mais que uma história de amor” é uma fotorreportagem multimídia, em formato slideshow, que tem como temática a Quadrilha Asa Branca. A proposta aqui é apresentar os obstáculos e enfrentamentos do universo particular das quadrilhas, na conjuntura atual, tomando como referência o grupo.

Desde muito nova sou fascinada pelo São João e pelos elementos da cultura nordestina. Uma das escolas da qual estudei sempre estimulou seus alunos a participarem dos eventos folclóricos e isso se tornava, ano após ano, algo muito estimulante. Tenho lembranças das festas de carnaval, da representação do Boi Bumbá, das apresentações no dia de Iemanjá, da terra e do índio e o momento mais esperado do ano, as festas de São João, que sempre estiveram presentes no calendário anual dessa escola.

Na minha família a tradição da cultura nordestina também foi sempre muito presente. Adorava o vestido quadriculado que usava todos os anos, a expectativa de soltar fogos, as comidas que minha mãe fazia, o gosto do amendoim. Dançar forró era então o ápice da diversão, e até hoje mantenho essa tradição, uma vez que comecei a fazer aulas de forró por conta do amor à cultura nordestina. De alguma forma, mesmo inconscientemente, me sentia pertencente a esse universo, o que só pude compreender e reconhecer, de fato, anos depois.

O impulso de montar a fotorreportagem sobre a Quadrilha Asa Branca surgiu da união de duas paixões: fotografia e cultura popular. Até então, não havia pensado em aliar as duas coisas. A ideia surgiu em janeiro de 2016, numa conversa despretensiosa com meu orientador. A partir daí resolvi entrar no Labfoto e desenvolver a questão técnica, relacionada a fotografia.

Primeiramente houve a escolha do tema. Após escolhê-lo, comecei a acompanhar os eventos da quadrilha e mergulhar totalmente nesse universo, que até então para mim não passava de brincadeira de criança, mas se tornou algo tão especial quanto.

A partir daí surgiram várias inquietações sobre o universo do São João e há algum tempo venho percebendo que algumas tradições juninas vêm se perdendo. Comparado

com a minha época de criança, não havia tantos eventos privados, nem festas de camisa como nos dias atuais. O que ocorria eram eventos abertos, geralmente promovidos pela prefeitura das cidades, nas praças públicas, e que atraia gente de cidades vizinhas, de todas as idades.

Outra mudança perceptível foi no estilo de música tocado nas festas. Ouvia-se muito forró de raiz e as bandas de forró estilizado eram poucas, e geralmente as mais famosas eram convidadas a participar desses grandes eventos.

Percebi também que as quadrilhas mudaram muito sua forma de se organizar e se apresentar. Mesmo não sendo tão próxima desse universo, sempre assisti a um evento chamado "Arraiá do Galinho", que era transmitido pela TV. Hoje o evento e o concurso de quadrilhas permanecem, mas as quadrilhas já não são mais televisionadas e os grandes shows passaram a ter uma importância maior.

Foi despertado em mim o interesse em investigar sobre a existência, para não dizer sobrevivência, dessas quadrilhas, após essas modificações da indústria do São João. Questionamentos como onde estão localizadas, como fazem para custear as roupas, transportes e outros gastos surgiram a reboque. Tudo isso não passa de uma tentativa de identificar os sujeitos que compõem a quadrilha Asa Branca, os locais, as vivências e histórias em comum, o que torna cada indivíduo, dentro da sua particularidade, pertencente a um meio em comum aos outros.

A Asa Branca é uma das quadrilhas mais antigas no cenário Cultural Junino na Bahia, e por isso, é uma das mais importantes, pois mantém viva as tradições e memórias da cultura nordestina através dos movimentos de resistência. O grupo é uma miscelânea de vários elementos artísticos, entre eles o teatro, a dança, a intervenção poética e a música.

Nascida em 1992, ela carrega na sua história, tantas outras histórias, tradições familiares, elementos da cultura nordestina que por ora tem sofrido bastante por conta da globalização, urbanização, desvalorização e ausência de políticas públicas que estimulem o desenvolvimento das atividades quadrilheiras, o que vem provocando o seu esquecimento diante do grande público.

Espaço de (des.) construções, embates e aprendizados, as quadrilhas são mais um meio social, por vezes formada por pessoas da comunidade, com interesses em comum, promovendo a participação popular. Por ora, elas se tornam um prolongamento das famílias, uma vez que muitas são fortalecidas e construídas a partir delas. É através da história oral transmitida que os jovens dessas comunidades tomam conhecimento sobre a cultura nordestina.

As quadrilhas juninas já foram entendidas como um produto midiático, e embora tenham se transformado em espetáculos, elas não tem a mesma visibilidade de outrora. Os eventos onde acontecem as competições, antes televisionadas, perderam força e as quadrilhas foram relegadas ao segundo plano por conta da remodelação do São João pela Indústria Cultural, que cultua as grandes bandas, boa parte do axé e do sertanejo, e coloca as quadrilhas numa posição subalterna diante do cenário junino.

O São João sofreu bruscas modificações e quem mais sofreu com essas mudanças foram os movimentos culturais. Apesar de difundida pelo nordeste, as quadrilhas juninas não tem a mesma visibilidade que manifestações como o Boi Garantido têm para Parintins, as Escolas de Samba tem para o Rio de Janeiro ou numa escala monetária menor, a Festa da Irmandade da Boa Morte tem para Cachoeira. Todos esses eventos movimentam a economia do local e têm uma atenção da mídia, um respeito e investimento que as quadrilhas não têm e isso preocupa os gestores culturais.

Além disso, a invasão de festas privadas no São João ganhou uma atenção especial da mídia, uma vez que há a questão dos patrocinadores e investidores, tanto das próprias festas, quanto dos canais que exibem tais festas. Geralmente quem promove esses eventos, que acontecem no interior da Bahia, são as próprias bandas que tocam nestes eventos, a sua maioria de axé.

As quadrilhas deixaram de ser meras brincadeiras para se tornarem competições cujo principal objetivo é estar no primeiro lugar, e esse é um dos motivos para o afastamento de muitos brincantes do meio junino. Através de relatos de quadrilheiros ativos no movimento e de ex- brincantes busca-se compreender o que há em comum entre as pessoas que fazem parte do movimento, apesar das adversidades.

Outra triste realidade é que não há uma valorização por parte do Estado, no sentido de criar políticas públicas de incentivo e uma organização por parte dos quadrilheiros em fortalecer esse movimento de resistência, que vem caindo no esquecimento do grande público, e que tem ganhando um caráter de rivalidade e competição.

Apesar de todas as dificuldades, a quadrilha permanece viva, resgatando as raízes da tradição do período junino. É perceptível a paixão que os envolvidos, sejam coreógrafos, dançarinos ou músicos, nutrem pela quadrilha. É quase uma devoção, algo invisível que move o grupo. Embora essa seja uma atividade que não tenha retorno financeiro, há a satisfação, quase geral, de fazer parte de um grupo com mais de 20 de anos de história, muitas batalhas e um longo caminho a trilhar. Isso é o que move os quadrilheiros.

Diante do exposto, torna-se necessária a produção e circulação de conteúdo sobre a quadrilha, através da fotorreportagem, uma vez que não há registros oficiais sobre ela, sejam fotográficos, videográficos, ou até mesmo artigos e relatos escritos sobre a quadrilha em questão, para que o grande público tenha conhecimento da importância histórico-social que o grupo tem, não só para os envolvidos diretamente na produção e realização dos espetáculos, como também para a cultura nordestina em si. Essa é a função da fotorreportagem sobre a Quadrilha: comunicar.

2. QUADRILHA ASA BRANCA: MUITO MAIS QUE UMA HISTÓRIA DE AMOR

Das memórias que guardamos das manifestações populares conhecidas na infância, as mais fortes, que fazem referência ao nordeste, são as do período Junino. As lembranças das roupas quadriculadas, das comidas, as músicas que falam de temas do sertão, a representação teatral do casamento na roça, dos papéis da noiva e do noivo, característicos das quadrilhas juninas, estão presentes em nosso imaginário de forma muito viva.

A tradição de dançar quadrilha perpetua por gerações, uma vez que as escolas ainda promovem, no período do São João, apresentações desse tipo de manifestação. Inicialmente brincadas nas casas e praças de regiões do Nordeste, as quadrilhas eram o ponto de encontro de jovens e apaixonados pela cultura nordestina, que carregam traços identitários em comum. É como se houvesse um sentimento de pertencimento à uma cultura, às suas tradições e memórias, algo tão forte que ultrapassa os laços consanguíneos.

É nesse fluxo de resistências e embates que ainda sobrevivem na Bahia cerca de 40 quadrilhas juninas, sendo que na década de 80 existiam mais de 50 apenas no território de Salvador. As três maiores no cenário contemporâneo soteropolitano são: Capelinha do Forró, Forró do ABC e a Quadrilha Asa Branca.

A Quadrilha Asa Branca, tema central deste trabalho, é uma representante remanescente da identidade e memória do povo nordestino e, por fazer parte do imaginário popular, deve ser reconhecida como tal. Ela surgiu num contexto de crescimento efervescente do movimento junino, na década de 90, momento pelo qual outras quadrilhas também surgiram.

O grupo nasceu em 1992, no condomínio “Chácara” bairro do Cabula/Resgate, em Salvador, e é considerado um dos precursores no quesito inovação, expressão de dança e resgate do popular. Com aproximadamente 120 componentes, ele conquistou mais de 40 prêmios, dentre eles o de melhor Quadrilha Junina do país e tem em sua proposta a mistura de vários elementos artísticos, como teatro, dança, música e intervenção

poética, construídos em forma de espetáculo, fortalecendo assim as raízes da cultura nordestina.

A Asa Branca, que tem seus ensaios fixos no Colégio Favo, não conta com nenhum tipo de incentivo ou patrocínio que custeie seus gastos nos dias de apresentação e nas viagens. A partir daí, abre-se uma discussão sobre a importância de rever as políticas culturais que valorizem e incentivem manifestações culturais dessa proporção e que entendam que as culturas e identidade devem ser preservadas.

Para entendermos essa dinâmica, precisamos mergulhar no que chamamos de cultura e identidade cultural, uma vez que as quadrilhas juninas estão inseridas no universo da cultura popular. Dos vários significados existentes Coelho se utilizou de três para explicar o que é cultura:

> 1. um estado mental ou espiritual desenvolvido, como na expressão "pessoa de cultura; 2. o processo que conduz a esse estado, de que são parte as práticas culturais genericamente consideradas; 3. os instrumentos (ou os media) desse processo, como cada uma das artes e outros veículos que expressam ou conformam um estado de espírito ou comportamento coletivo. (COELHO, 1997, p. 102)

Considerando a cultura como o comportamento e as práticas cotidianas de um grupo social ou de determinada comunidade, que é transmitida seja através da oralidade como das manifestações, as quadrilhas se inserem nesse contexto como transmissoras de alguns elementos da cultura nordestina. A tradição da dança, o canto ritmado, as representações do casamento na roça são reproduzidos como forma de resistência e manutenção da cultura do Nordeste.

O conceito de Cultura Popular também é bastante controverso, pois subentende-se, segundo os dedutivistas, que ela está subordinada a uma cultura da classe dominante,

> cujas linhas de força regem a recepção e a criação populares. Para os indutivistas, pelo contrário, a cultura popular é um corpo com características próprias, inerentes às classes subalternas, com uma criatividade específica e um poder de impugnação dos modos culturais prevalentes sobre o qual se fundaria sua resistência específica. (COELHO, 1997, p.120)

Em outra concepção existente, “a cultura popular não se apresenta como uma cultura à parte da cultura erudita ou dominante, mas como um modo no interior de outro, com o

qual dialoga (ou não) em diferentes comprimentos de onda.” (COELHO, 1997, p. 119). Sendo assim, cultura popular é mais do que folclore ou tradição, ela desenvolve produções dentro de um sistema cultural mais amplo, representando função criadora dentro de um todo. Assim sendo, não existe “a cultura popular” no singular, o que daria a ideia de unicidade, e sim “culturas populares”, no plural, ampliando as possibilidades de produção e promovendo o multiculturalismo.

Coelho (1997) e Martín-Barbero (2006) já trazem à tona a noção de identidade cultural, que explica esse sentimento comum aos que representam determinado grupo social ou manifestação artística, levando em consideração o espaço e o tempo: os comportamentos, as relações estabelecidas, os ritos e a tradição oral (canções, língua), os signos compartilhados.

O discurso sobre identidade cultural está ligado aos sistemas culturais compartilhados por um coletivo e se refere aos sentidos que são compreendidos pelos indivíduos de uma localidade. A identidade cultural tem o caráter de resistência e unificação. É nas semelhanças entre esses indivíduos e nas diferenças entre os grupos sociais que reconhecemos as identidades. “A noção de identidade, portanto, é relacionada à noção de cultura...”. (ROSA, p. 08)

“Até pouco tempo, falar de identidade era falar de raízes, isto é, de costumes e território, de tempo longo e de memória simbolicamente densa” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.61), no entanto, falar de identidade nos tempos atuais é falar sobre construções e desconstruções, sobre fluxos e mobilidade. Essas novas conexões foram provocadas pela globalização, que concentra o poder econômico ao descentralizar e desterritorializar a cultura.

As festas populares se inserem no universo das representações da cultura popular. Elas são manifestações que representam uma ruptura no tempo, do real, da vida cotidiana burocratizada e normatizada, em paralelo ao imaginário, à ludicidade. Ela é a expressão de sentimentos em sua plenitude, é o local onde ocorre a troca de papéis sociais, e segundo Damasceno (2011, p.15) “podemos, a partir daí, considerar a quadrilha como dança dramática, visto que ela tem como propósito uma situação em que o corpo, que se

move ao som de uma música, também se expressa através de uma emoção em que existe dramaticidade”.

As quadrilhas Juninas representam tradição, compromisso, amor e é através da dança, do ritmo e da oralidade, por meio das canções, que a cultura nordestina é transmitida de geração para geração. Dentro dessa lógica, a quadrilha é uma das linguagens do popular. Elas são carregadas de significados e dão sentido a algo maior, assim inseridas numa totalidade, no contexto das Festas Juninas, dentro da Cultura Nordestina.

Inicialmente introduzidas como brincadeiras, passatempo de jovens durante o São João, grupo social, comemoração em escolas, as quadrilhas foram tomando proporções gigantescas. Elas foram perdendo seu caráter de simples manifestação cultural para virarem grandes eventos festivos com competições, gerando rivalidades entre elas. Quadrilha Asa Branca e Capelinha do Forró são consideradas as maiores rivais no cenário junino soteropolitano. A rivalidade chega a ser tão ferrenha, que alguns põem em prova o verdadeiro motivo pelo qual elas se apresentam todos os anos, se por amor ao movimento junino, ou para competir entre si. Fato é que a rivalidade entre elas é o que torna a competição mais fervorosa para os “competidores” e para o público que acompanha.

Como uma manifestação que representa uma cultura, as quadrilhas são tão importantes para os quadrilheiros quanto os blocos de afoxé no carnaval baiano e as escolas de samba no eixo Rio - São Paulo. De origem francesa e portuguesa, ela inspira-se na contradança francesa, tradição na Europa, e tem sua entrada no Brasil associada à chegada da família real portuguesa em 1808, como uma dança de pares.

> Muitas das ordens desta dança transformaram-se em comandos típicos da quadrilha "caipira", como os termos "anarriê" (em arrière, que significa "para trás") ou "anavã" (en avant, que significa "em frente"), "changedidame" (changer de dame, ou seja, "trocar de dama"), chemandidame (chemin de dame, "caminho de damas") ou "otrefuá" (autre fois), "outra vez". Ela foi a grande dança dos palácios do século XIX, e abria os bailes das cortes em qualquer país europeu ou americano, tendo se popularizado reinterpretada pelo povo, que lhe acrescentou novas figuras e comandos, constituindo o baile em sua longa e exclusiva execução, composta de cinco partes, ou mais, com movimentos vivos e que terminava sempre por um galope. (AMARAL, 1998, p.187),

Portanto, devemos considerar as quadrilhas levando em consideração os aspectos religiosos de celebração dos santos, a ludicidade, às tradições transmitidas de família em família, o culto à colheita, não apenas como folclore. Devemos observar também as modificações ocorridas no âmbito da festa junina, as mudanças nos trajes, nas danças, nas músicas e na própria forma de aproveitar a festa. Pouco a pouco, as quadrilhas foram sendo soterradas pelo conjunto de atitudes da indústria capitalista e a influência da comunicação massiva.

Neste mundo globalizado, os processos tecnológicos apontam para aproximações entre pessoas, coisas e distanciamentos entre o "global e as dinâmicas do local, entre o espaço da economia política e os mundos de vida". (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.59) A comercialização das culturas locais foi provocada pelo exotismo e hibridização das mesmas, como forma de se manterem vivas. Entretanto, o próprio mercado que ascende algumas manifestações, provoca a fragilização de outras.

Novos processos modificadores dos produtos simbólicos da cultura junina surgiram, provocando um choque entre tradição e modernidade. Isso influenciou na forma de se brincar o período junino em algumas cidades do nordeste, e além de modificarem os festejos passaram a inserir elementos de uma cultura emergente, descaracterizando a festa. O poder centralizou-se nas mãos de uma pequena fatia da sociedade, que detém dos meios de produção, circulação e consumo da festa, visando o lucro.

Isso provocou uma reconfiguração nas apresentações das quadrilhas. Os grandes espetáculos e competições foram substituindo aos poucos a forma mais simples de representar a vida político- cultural. Dançar tornou-se sinônimo de competir. Além disso, as exigências em relação a cenário, coreografias e figurino aumentaram, os temas tornaram-se mais elaborados e os custos cada vez mais onerosos, fato que prejudica muito as quadrilhas, pois as dívidas que ficam para seus diretores só fazem aumentar. Os prêmios ganhos nas poucas competições que ainda restaram em Salvador não custeiam as viagens e gastos totais dos grupos.

Essas mudanças se tornaram mais visíveis a partir da fundação da FEBAQ (Federação Baiana das Quadrilhas Juninas), órgão Estadual que registra as quadrilhas juninas na Bahia e que promove o Campeonato Regional de Quadrilhas da Bahia. Diante das novas

exigências, no qual são analisados figurino, musicalidade, coreografia, marcador, tema e casamento, todos obrigatórios, as quadrilhas passaram a ser mais elaboradas.

> Com 15 anos num grande evento da cidade de Salvador chamado 'Arraiá da Capitá' é que pude pela primeira vez, saber exatamente do que se tratavam aquelas pessoas de vestes coloridas, eram brincantes de Quadrilha Junina, ou Quadrilheiros. (DAMASCENO, 2011, p.04)

Os grandes eventos como Arraiá da Capitá, Arraiá do Galinho e o Ao Pé da Fogueira, antes televisionados, deixaram de ser importantes para a grande mídia, que dá mais foco e visibilidade aos shows das grandes bandas que tocam durante os eventos, e relegam as quadrilhas a uma posição secundária na programação da TV, como algo sem muita importância. A exposição diminuiu e as quadrilhas estão se tornando cada vez menos atraentes, principalmente para os jovens. A configuração da festa do São João mudou muito nos últimos anos.

> Durante as últimas décadas, as indústrias culturais possibilitaram a multiplicação dos espetáculos nos novos espaços midiáticos e em sites, e o espetáculo em si tornou-se um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana. (KELLNER, 2006, p.119)

O que acontece nos dias atuais é um processo de cooptação e hibridização das festas tradicionais. As festas juninas espetacularizadas são exemplo de renovação e atualização das festas populares, que transita entre o cenário rural/ tradicional e o cenário urbano/moderno. Essas modificações ocorreram dentro da própria organização das festas, nas quadrilhas juninas e no que chamamos de forró tradicional.

A utilização da tecnologia e hibridização entre estilos são recorrentes nas culturas populares e a mercantilização da cultura é apenas uma consequência do fenômeno pós-moderno. A "intensificação tecnomidiática atravessa, articula e condiciona o atual estágio do capitalismo, cujo pilar de sustentação é a capacidade de acumulação financeira" (MORAES, 2006, p. 34), ou em outras palavras, o que rege no mercado é a lei do consumo.

> Aliás, mudaram não apenas as músicas e as formas de dançar como também as formas das pessoas se vestirem; botinas tênis, calça jeans substituíram os tradicionais trajes "caipiras" quadriculados e remendados e os chapéus de palha. O mesmo se aplica às quadrilhas estilizadas que introduziram não apenas novas peças ao vestuário como também novas performances dançantes. (ROQUE, 2012, p.114)

Atualmente o São João vem se tornando cada vez mais híbrido, inserindo elementos da cultura de massa à tradição popular. Isso é percebido através das danças, da música, e até mesmo da própria reconfiguração da festa. O forró eletrônico, então, passou a ser predominante nas festas de arena e nas festas privadas para dar conta do público que valoriza as danças estilizadas e os jogos de luzes.

Evidencia-se a preocupação dos gestores públicos e promotores dessas festas em dar visibilidade às grandes bandas de forró eletrônico, como dito anteriormente, com o objetivo de atrair o turista, pois "cultura é negócio, e produtos são feitos para o mercado". (MORAES, 2006, p.37. Temos a realização das festas de camisa, como forró do Visgo, Forró do Piu Piu e Forró do Bosque, eventos privados que oscilam entre o regional e tradicional (as cidades do interior) e o urbano (aparatos tecnológicos).

> A partir sobretudo dos anos 1970, esse novo desenho das festas do ciclo junino começou a ser esboçado pela iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e de segmentos dos governos dos estados como Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, que passaram a investir na espetacularização das festas juninas como estratégia de projeção midiática e turística das cidades. (ROQUE, 2012, p.22)

Os eventos privados surgem num contexto de modificações residenciais, de midiatização e espetacularização das festas juninas. Os frequentadores buscam nesses eventos o mesmo conforto e segurança dos condomínios fechados. E essas festas geralmente atraem um público de classes mais elevadas, promovendo uma distinção econômica dentro do São João, o que não ocorria nas festas juninas do passado, no qual pessoas de diferentes classes sociais transitavam pelo mesmo território.

Nesse contexto, as quadrilhas juninas também sofreram um redesenho, tanto na musicalidade, quanto na forma de organização, nas coreografias, nas vestimentas e no cenário. O teatro foi introduzido e as coreografias tornaram-se mais elaboradas devido às exigências dos concursos. Elementos como o casamento na roça e a presença do marcador passaram a ser obrigatórios e desclassificadores numa competição.

> Os trajes, a dança, a música, grande parte do aparato estético-coreográfico foi (e continua sendo) reconfigurado conforme necessário para moldar-se com as exigências dos meios de comunicação e dos órgãos estatais. Essas mudanças possibilitaram as quadrilhas se manterem ativas e em evidência até a atualidade, apesar dos conflitos gerados internamente devido as constantes interferências promovidas por esses setores hegemônicos... (SANTOS, 2012, p.03)

Mesmo nesses distanciamentos dos festejos ditos de “raiz”, a Asa Branca é considerada pelos concursos e festivais como uma importante expressão de dança no São João por inserir movimentos estéticos inovadores, buscando temas variados dentro da cultura popular brasileira. Ela consagrou-se como sendo a primeira quadrilha baiana a se tornar campeã Nacional de Quadrilhas Juninas, através do Festival CONFEBRAQ, realizado no estado de Tocantins em 2012, além de conquistar prêmios anuais nos concursos de quadrilha realizados pela Rede Globo Nordeste, evento promovido pela Rede Globo de Televisão.

Entretanto, para conseguir tais conquistas, ela precisou se adaptar às novas exigências da indústria cultural e dos fenômenos hibridizadores da contemporaneidade. As exigências aumentaram e com elas os custos de produção. Dançar em uma quadrilha junina hoje é muito mais caro que há dez anos. Embora o investimento não seja o suficiente para arcar com as despesas, as quadrilhas ainda sobrevivem com toda a alegria e um elemento fundamental: o amor.

> Ninguém explica o amor. Eu não sei porque faço parte de quadrilha junina. Eu gosto muito de estar ali, de fazer parte daquela história, de ver a realização de um trabalho realmente chegar ao final e ver que conseguimos construir isso...não tem um ganho material(…) (LEANDRO DE OLIVEIRA, quadrilheiro desde 2007)

Um exemplo de amor e dedicação pela Quadrilha Asa Branca está no relato da coreógrafa e professora de dança Ísis Carla. Ísis está na quadrilha desde 1996, a convite de Marcelo Lima, um dos diretores da quadrilha, e é uma das integrantes mais antigas no grupo. “Eu me apaixonei completamente pela movimentação, pela coisa de estar dançando em grupo, e o ritmo”, diz Ísis.

> As pessoas que fazem quadrilha hoje não são as mesmas que fizeram há 20 anos atrás. Muita gente que começou dançando quadrilha hoje é mãe e pai de família, e trabalham, enfim, tem outros compromissos, o que dificulta de ir pros ensaios e atuando mais no trabalho da quadrilha. Os jovens que entraram hoje são uma nova geração, um outro comportamento e a coisa da tecnologia influencia muito no comportamento das pessoas. (ÍSIS CARLA, quadrilheira desde 1996)

Outra figura importante no cenário de quadrilhas de Salvador é a professora de dança da Funceb, Soiane Gomes, que dançou na Quadrilha Asa Branca durante 20 anos e é uma

das pessoas que mais conhecem a quadrilha por dentro, sem o luxo e a sofisticação que prevalece em dias de apresentação. A quadrilha representa para ela a parte profissional, pois foi a partir da Asa Branca que Soiane escolheu a dança como profissão. Ela conheceu esse universo de quadrilhas a partir do programa "Ao pé da Fogueira", exibido pela TV Record e nessa época.

> Eu presenciei as quadrilhas desde criança assistindo ao programa Ao Pé da Fogueira. Nesse programa é que as quadrilhas tinham oportunidade de serem filmadas e todo mundo assistia. (SOIANE GOMES, quadrilheira desde 1996)

Segundo Soiane, a Asa Branca foi pioneira na questão do figurino, com as trocas de roupa. Sabendo disso, outras quadrilhas começaram a investir também, passando a ter custos maiores, por conta do luxo. Antigamente as pessoas saiam de casa já vestidas com a roupa da apresentação.

Mas, apesar dos prêmios e do reconhecimento, nem tudo são flores. As quadrilhas são um movimento de resistência, que sobrevivem a muito custo e pouco investimento, e estão cada vez mais caindo no esquecimento. Então, diante dessa realidade, existe um sentimento misterioso que une os quadrilheiros, fazendo com que ano, após ano, a quadrilha se apresente nos concursos. Esse sentimento, que muitos chamam de loucura, os quadrilheiros chamam de amor.

É o amor às quadrilhas que permite que os quadrilheiros se submetam as condições pelas quais se submetem. Como o Estado não financia as viagens, os próprios quadrilheiros buscam alternativas para que possam competir. Os órgãos públicos apenas promovem os concursos dentro da Bahia, mas quem for o vencedor e tiver de representar a quadrilha em outros estados, precisa custear a viagem com o dinheiro do seu próprio bolso.

> O que tem de mais difícil na quadrilha é que o Estado não reconhece os grupos juninos como uma Manifestação Cultural que precisa de apoio. Os gastos todos são custeados pelo dono da quadrilha, pela diretoria, os dançarinos pagam um carnê, que não é suficiente o valor arrecadado. (SOIANE GOMES, quadrilheira desde 1996)

Como há tempos atrás não se passava de brincadeira no São João, não havia a necessidade de profissionalização, pois cada participante do grupo ajudava no que podia. No cenário atual, as exigências são bem maiores, entretanto a maioria do elenco continua sem profissionalização, o que denota o amadorismo presente nas quadrilhas juninas.

> Eu sempre fiquei incomodada com esse abandono. O estado pensa o seguinte, você inventou seu grupo, você que cuide dele. E tem o erro dos quadrilheiros também que não se organizam, que não se registram, que não fazem um CNPJ, não escrevem projetos, não participa de edital... com o passar do tempo ela tomou um caráter profissional, então eu acho que a produção também tem que ser profissional. (SOIANE GOMES, quadrilheira desde 1996)

Um grande problema enfrentado pelas quadrilhas em geral é a falta de editais específicos para esse tipo de atividade. Muitas vezes as quadrilhas precisam submeter seus projetos a editais para concorrer com outros tipos de atividades que não estão relacionadas com a temática da cultura nordestina, e isso é muitas vezes um entrave para os quadrilheiros, pois não competem no mesmo nível de igualdade.

O que existem são concursos de quadrilha, alguns promovidos por federações de quadrilheiros, que dão como prêmio valores que não custeiam o gasto total da quadrilha para a manutenção ou realização de algum projeto. Essa é uma das grandes dificuldades enfrentadas pelas quadrilhas. Os três principais concursos são: Concurso Nacional de quadrilhas, Concurso de Quadrilhas da Rede Globo (Regional), o Concurso de Quadrilhas do Nordeste (Nordestão).

Entretanto, apesar da existência desses concursos, que de certa forma funcionam como incentivadores das atividades quadrilheiras, o cenário atual das quadrilhas, em relação ao investimento é triste. As dificuldades são muitas. Os dançarinos, em sua maioria pagam para se apresentar em outros estados e não há retorno financeiro que compense o que foi gasto.

Há uma relação de dependência muito grande das quadrilhas com a FEBAQ: a Federação cria as regras, os quadrilheiros obedecem, caso contrário, poderão ser impedidos de dançar durante dois anos, poderão não competir no concurso da Globo (concurso mais requisitado por haver a presença na mídia), entre outras ações proibitivas.

Além disso, está no regulamento da Federação a proibição de transexuais, inibindo a liberdade de expressão dos seus componentes e a liberdade para criar, uma vez que segundo o tópico das instruções “4- Será desclassificada a Quadrilha que tiver componente masculino trajando figurino feminino e componente feminino trajando figurino masculino”. O que se sabe é que já existem quadrilhas de outros estados que utilizam na narrativa das apresentações o casamento homoafetivo.

Após o contato com quadrilhas juninas, muitos brincantes tornaram-se profissionais da cultura, seja na dança, seja no teatro. Entretanto, por conta das dificuldades muitos têm outros empregos, pois “é muito raro alguém trabalhar só com isso. Mas, no geral, é bastante difícil”, afirma Eduardo, brincante da Asa Branca. Para o quadrilheiro Eduardo, “é importante valorizar esse movimento, porque, pelo que estou vendo, não vai demorar muito para acabar”.

A maioria dos dançarinos da Asa Branca tem trabalhos paralelos, que conciliam com as atividades da quadrilha. Mas o trabalho de quadrilheiro é árduo e dura o ano todo. Por ser uma preparação do tipo Escola de Samba, os custos com figurino, cenário, estrutura física e viagens para os concursos são altíssimos.

> Quando pensamos quão ativos eles são em outras esferas sócio-culturais...a quadrilha (sem considerar o grau de importância que cada agente atribui a ela) é mais uma peça a se encaixar no quebra-cabeça do engajamento cultural dos quadrilheiros. (SANTOS, 2012, p.5)

Outra dificuldade enfrentada pelos quadrilheiros está relacionada ao figurino. Os dançarinos pagam um carnê mensal, como forma de pagar suas roupas. Entretanto, eles só têm acesso ao figurino dias antes da primeira apresentação no São João, o que torna a estreia mais excitante, pois os dançarinos muitas vezes tomam como surpresa o figurino que ele próprio investiu.

O processo de idealização e confecção das roupas dos brincantes da quadrilha é gradual e passa por diversas mãos. Primeiramente, as fantasias estão no plano das ideias. Há a imaginação, a idealização de acordo com o tema, os detalhes, cores e modelos. Logo após, a ideia vai para o papel, para em seguida ir para o físico. Logo após há os cortes, o

primeiro piloto do figurino. Os pilotos são feitos por Aline Assis, quadrilheira desde 1986, e que está na Asa Branca desde 2010.

> Como eu já trabalhei com produção há muito tempo, não só em quadrilha, produção em geral, então é mais fácil desenvolver esse trabalho, por isso que fui chamada pra fazer, pela experiência que eu tinha tanto em quadrilha como em produção geral.... (ALINE ASSIS, quadrilheira desde 1986)

Nos anos 80, os cenários e fantasias eram muito mais simples e como não havia dinheiro, as pessoas faziam por amor. Na conjuntura atual, a média de um espetáculo é de 120 mil reais, valor altíssimo para os padrões financeiros das quadrilhas juninas. “Meu primeiro ano concorrendo na quadrilha adulto, minha maquiagem era carvão na cara. Era a maquiagem da gente. Hoje você vê a sofisticação, o luxo.” (Aline Assis, quadrilheira desde 1986)

> Ruas se fechavam para que mutirões se formassem na confecção dos adereços, casas enchiam de mães que se tornavam costureiras para ver a Quadrilha de seus filhos vestirem as roupas confeccionadas por elas. (DAMASCENO, 2011, p. 06)

Além das dificuldades que foram expostas, há o ego e a vaidade. As pessoas hoje em dia se perderam no que tange ao compromisso de ser um quadrilheiro. A rivalidade entre as quadrilhas está cada vez maior e as relações estão se deteriorando por conta dessa competição acirrada.

A rivalidade entre as quadrilhas é um dos fatores que as prejudica. No momento de busca de valorização das quadrilhas, a união dos líderes das quadrilhas seria fator determinante para a construção de políticas públicas que beneficiassem os grupos. Esse é um dos pontos a ser levado em consideração, pois na efervescência de se conquistar um título de campeão, a rivalidade começa a ultrapassar o limite da razão.

Embora existam essas dificuldades, Soiane se intitula como amante da Quadrilha Asa Branca. Amor. Esse é a palavra que descreve seu sentimento pelo grupo. Segundo ela “tem uma coisa que move a pessoa: é o amor, a paixão”. Entrar na quadra traz uma sensação muito boa, tem uma energia muito grande. “A adrenalina se compara a quem usa algum tipo de droga”, diz ela.

O sentido de compromisso e diversão se distorceram. Antigamente os ensaios eram leves e divertidos, e não havia o peso de se estar perdendo um final de semana num ensaio. Muito pelo contrário, nos encontros faziam-se novas amizades e estreitavam-se antigos laços de amizade, além de romances serem iniciados. Há uma certa nostalgia em reviver o que era a quadrilha antigamente.

> Além dessa questão cultural, de ser humano, de intelecto, tem também a parte da amizade. Eu tenho alguns amigos na minha vida e deles todos eu tenho dois ou três que não são de quadrilha, o restante todos dançaram comigo ou estiveram comigo em algum momento na Asa Branca. (Tereza Monteiro, Quadrilheira)

Tereza Monteiro começou a acompanhar a quadrilha em 1993, no SESI do Bairro do Retiro, durante o Arraiá do galinho. De 1997 até 2007, trabalhou como figurante na Asa Branca, e em 2008 começou a dançar. A mesma nutre uma grande paixão inexplicável pela quadrilha. Ela é prima de Alexandre e Eduardo, também quadrilheiros, e é casada com Roberto Cândido, que faz parte da banda da Quadrilha.

Outro apaixonado pelas quadrilhas, Rubem Braga, ex brincante da Asa Branca e fundador do Grupo Mandacaru de Forró Junino foi o primeiro da sua família a dançar em Quadrilha Junina, fato que o influenciou a seguir o caminho de direção teatral. Juntamente com seus irmãos e mãe, ele é uma das pessoas mais importantes e que contribuem para a sobrevivência do movimento junino. Em seu trabalho de conclusão de curso na escola de teatro da UFBA, Rubem (2011, p.6) comenta que “durante os ensaios e processo de construção da quadrilha Junina casais se formavam, nasciam os ‘filhos de quadrilha’, gente chorava e gente sorria”.

E é nesse fluxo de entrada e saída de pessoas do grupo, que outras relações também foram construídas, reforçadas ou findadas na Asa Branca. Casais surgiram, filhos nasceram e cresceram e amizades foram iniciadas.

> Quem me levou foi meu noivo William. Ele que já dançava lá, e é louco apaixonado pela Asa Branca. Na verdade eu estou nesse mundo de quadrilha agora, mas é uma sensação tão gostosa quando estou dançando, quando eu vejo o trabalho fluindo. (Ana Cristina, quadrilheira desde 2013)

Por conta das dificuldades financeiras dentro da quadrilha, os dançarinos do grupo também são obrigados a se engajar em outros projetos pessoais, o que abre um leque de

possibilidades na área artística para os mesmos. Uma vez que a produção é similar às de escola de samba, os custos também são onerosos. A preparação ocorre todo o ano, principalmente por quem faz parte da direção artística. São cerca de sete meses voltados à criação e produção dos elementos que integram as apresentações das quadrilhas.

> Sob a luz da lua um céu cheio de estrelas, tal qual um arraiá nos rincões dos sertões, jovens, crianças, idosos, famílias inteiras se aproximam para participar e ver os ensaios que são abertos a todos da comunidade. (BARROSO, 2013, p.73)

Embora existam muitas dificuldades, a quadra torna-se um local de aprendizados e construções. Prova disso são as coreografias, que juntamente com as canções, cada vez mais bem elaboradas e impactantes, fazem tanto os dançarinos, quanto jurados e público se energizarem.

> Nos ensaios os itens particularmente cobrados são: alinhamento, sorriso e o uso de vestidos para garantir a execução harmoniosa do balanço das saias. O marcador repete sempre que a quadrilha deve estar impecavelmente alinhada, ou seja, a coreografia precisa ser executada com o máximo de perfeição, o que significa dançar com brilhantismo o xote, o xaxado, o baião. O sorriso constante é indispensável às meninas, para mostrar graça e alegria. Algumas delas são tidas como exemplo a imitar, pois, durante os ensaios, sorriem bastante a fim de externar o prazer que lhes suscita a dança. (BARROSO, 2013, p.75)

Sabemos que a realidade de um quadrilheiro hoje em dia não é fácil. Os tempos mudaram, as exigências aumentaram, e dançar quadrilha é muito mais do ensaiar alguns dias e se apresentar no São João. Dançar quadrilha hoje é se entregar de corpo e alma ao ritmo, à dança, a corporalidade. É rir e chorar durante os ensaios ou nas apresentações, é amar o que faz, é vestir a camisa pela quadrilha de coração.

Dançar quadrilha hoje em dia é perder os finais de semana em ensaios cansativos, é trabalhar o ano todo para pagar uma fantasia que se usará apenas em algumas horas, é viajar para lugares desconhecidos, é ter histórias para contar, é dançar sabendo que não há recompensa financeira que cubra o sentimento de missão cumprida.

Amor é algo que não se explica. E esse é um dos sentimentos que os brincantes nutrem pela quadrilha. Muitos afirmam não saber o que os prende ao grupo. Alguns dizem ser as relações construídas, outros se mostram felizes em apenas ter um lugar para socializar e dançar. Fato é que a sua maioria é apaixonada pelo que faz.

3. A FOTORREPORTAGEM: Quadrilha Asa Branca

Com o surgimento da fotografia, a fotorreportagem surge como um produto essencial da atividade fotojornalística. O presente trabalho se insere num contexto de novas possibilidades de interação com a imagem. Através da fotorreportagem multimídia, subgênero do fotojornalismo, a Quadrilha Asa Branca, manifestação cultural de forró junino é representada e, para tal, utilizou-se o formato slide show para contar uma história relativa ao grupo, numa narrativa fotográfica, no qual houvesse

> o emprego de encadeamento de imagens como narrativa seqüencial de fatos ou como um ensaio fotográfico, na forma de slideshows; a utilização do áudio para narrar estórias, associado muitas vezes a sequências de imagens de um determinado acontecimento; o uso da animação e de infográficos multimídia para narrar um fato... (MUNHOZ, 2007, p. 12)

A fotorreportagem sobre a Quadrilha faz parte do universo da comunicação, e objetiva informar ao público sobre a existência de uma quadrilha junina tradicional, importante para a cultura popular, que sobrevive num momento de transformações da cultura, com hibridismos e cooptações. Para tal feito, foi utilizado formato multimídia, contendo áudio e imagens e outras ferramentas, numa tentativa de tornar clara a proposta. A narrativa multimídia tem esse papel de sequenciar um fato ou acontecimento e a fotografia teve papel fundamental nessa trajetória.

3.1 Fotografia e Fotojornalismo

A fotografia nasceu durante a revolução industrial, num período de “crescimento das metrópoles, desenvolvimento da economia monetária e a industrialização; as grandes mudanças nos conceitos de espaço e de tempo e a revolução das comunicações”, segundo Peixoto (2016, p.51), mas somente meio século depois ela foi reproduzida diretamente, de forma mecânica em prelos-tipográficos, e imprensa em papel jornal. No século XIX, a fotografia era reproduzida em duas cores (em preto e branco) e os jornais e revistas noticiosas eram impressos em prensas tipográficas, que utilizavam a tecnologia de impressão a traço.

A solução para a impressão das imagens foi obtida através do processo denominado Halftone, o chamado “meio tom”. Em 1850 surgiram outros processos de reprodução mecânica de imagens, mas não puderam ser utilizados em prensas tipográficas.

O que provocou a demora da reprodução do fotojornalismo pela imprensa foi justamente a evolução do processo fotográfico. Igualmente, somente no final da década de 1880 que a primeira câmera portátil e popular da Kodak chegou ao mercado, possibilitando que qualquer pessoa sem conhecimento técnico sobre a câmera pudesse apertar o botão do obturador de uma câmera fotográfica.

Outro motivo também foi o processo lento das técnicas de impressão, principalmente na reprodução dos 256 tons diferentes de cinza, o que só viria a ocorrer com o uso da máquina a vapor e das impressoras rotativas, que imprimia vários exemplares por hora. Com isso, se aperfeiçoaram as técnicas, nas quais os diferentes tons de cinza puderam ser transformados nas fotografias em preto e branco das páginas dos jornais e revistas. A partir daí, começou-se a pensar sobre a integração das imagens fotográficas com os textos jornalísticos, pois anteriormente, as imagens eram apenas complemento dos textos.

As fotografias mais comuns eram as fotografias de guerra, no final do século 19 eram os retratos de personalidades, cenas do cotidiano até paisagens panorâmicas. 1842 foi o ano de lançamento da primeira fotografia que ilustrava fatos noticiosos. Outra ilustração foi a da tentativa de assassinato da rainha Victoria, ocorrida em Londres, também em 1842.

> A reboque da invenção da fotografia, o fotojornalismo nasce então como um novo ofício. Uma nova estética do instantâneo e começa a ser desenvolvida e é auxiliada pelo surgimento e evolução de novas tecnologias de captação de imagem. Esta transição entre diferentes fases do jornalismo fotográfico inicia uma série mudanças do ofício e permite observar sua história como algo em contínuo processo de mutação. (ANDRADE; JUNIOR. 2010; p.02)

No final do século 19, com o desenvolvimento da atividade fotojornalística e as “novas técnicas para captação, manipulação e edição das imagens captadas, algumas rotinas foram reconfiguradas no que diz respeito ao ofício fotojornalístico” (PEIXOTO, 2016, p.153). Houve uma preocupação maior na escolha das pautas, e até mesmo no ato

fotográfico, como a escolha do enquadramento e composição. A ideia era se aproximar cada vez mais da realidade.

O fotojornalismo tem a função de informar, esclarecer ou tornar conhecido, através da fotografia, algum tema com viés jornalístico, diferentemente do fotodocumentário, que está ligado à informação, ao esclarecimento e opinião. A fotografia é a representação imagética da realidade e o fotojornalismo se apropria dessa ideia para tornar a atividade mais próxima possível da realidade.

> No sentido restrito, entendemos por fotojornalismo a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. (SOUSA, 1998, p.5)

Ele se utiliza de uma narrativa para contar uma história, “mostrando-se diretamente conectado à ideia de contexto” (PEIXOTO, 2016, p.33), geralmente temporal, que encerra em si mesma. Portanto, quem escolhe o que entra o que sai da narrativa é o produtor da fotorreportagem, uma vez que “A inclusão de elementos (assim como a exclusão de outros) que amplifiquem o poder de reverberação do discurso visual criado é fundamental para a consolidação da cadeia de circulação e consumo da atividade”. (PEIXOTO, 2016, p.33).

Com o avanço tecnológico e a aquisição de novos equipamentos, a atividade fotojornalística sofreu modificações nas formas de produção, armazenamento e circulação da informação. O desenvolvimento da web abriu o leque de possibilidades para a produção jornalística, e a consequente produção fotojornalística, desde a sua produção até os modos de fruição da mesma.

> no início do século XXI, constata-se que o desenvolvimento da rede mundial de computadores em meados dos anos 90 do século XX, juntamente com a evolução tecnológica dos meios visuais, redefiniram significativamente o universo fotojornalístico...A velocidade proporcionada pelo surgimento e desenvolvimento da conexão de banda larga permitiu aos desenvolvedores de conteúdo de *sites* e portais explorar, ao máximo, os recursos multimidiáticos os quais apontavam para uma maior justaposição entre texto, imagem, som e vídeo. (PEIXOTO, 2016, p.151)

A partir do desenvolvimento do fotojornalismo, a cultura só logrou benefícios. Quando não existiam meios de se propagar determinada manifestação cultural, a não ser através

da TV e do rádio, a cultura se restringia apenas à sua localidade de origem, no movimento, já citado no início do texto, de desterritorialização. Dissolveu-se aos poucos os limites de tempo e espaço e aumentou-se a quantidade de conteúdo disponível. O consumidor, antes passivo, tornou-se também produtor e foi inserido nos processos participativos.

Com essas mudanças, o produtor ampliou as possibilidades de produção e circulação da informação nos meios digitais. Desta forma, foi possível a criação de novos formatos jornalísticos, além da reformulação de linguagens, como a TV, o rádio, o cinema, num movimento de convergência midiática.

O fotojornalismo ganhou um novo formato para o meio digital, introduzido inicialmente pelo webjornalismo, ou jornalismo da internet. Uma vez considerado de convergência, ele abre o leque de possibilidades para a informação ser distribuída pela rede. Três termos foram determinantes para tais mudanças: Interatividade, hipertextualidade e convergência.

A palavra convergência, ligada ao jornalismo, aponta para aspectos tecnológicos, à mídia, a estruturação das redações e às empresas. Áudio, gráfico, fotos, vídeos podem se fundir e criar novas possibilidades de interação e informação. Nessa relação com a internet, a figura do consumidor também muda, pois agora ele torna-se também produtor de conteúdo, além de mera audiência.

A imagem fotográfica pode circular por diversos sistemas de representação e suportes, seja ele através do papel ou no meio digital (a própria internet). “Assim, uma imagem fotográfica - digital ou analógica - entrará em outros sistemas de representação ao ser publicado na internet” (BUITONI, 2011, p.155).

“O fotojornalismo passa por mudanças importantes que, definitivamente, estão reconfigurando os parâmetros da produção e da pós - produção dessa atividade.” (JÚNIOR; PEIXOTO, p. 09) O pós-produção se refere à questão da manipulação da imagem, da ética e veracidade da informação transmitida através dela, além da questão da utilização de softwares de manipulação, algo muito discutido nos dias de hoje.

A partir dessas novas possibilidades tecnológicas, surge também o hipertexto ou hiperimagem, numa correlação entre texto e imagem. O fotojornalismo recorre muito à essa articulação entre o verbal e o visual. A imagem por si só, pode vir carregada de símbolos que nos remetem à algum significado, seja ele individual ou do senso comum coletivo. O texto então passa a ser um complemento da imagem, que completa o sentido que o fotojornalista quis passar.

A imagem estática (fotográfica) "há um corte temporal - congelamento, instantâneo, paralisação, interrupção – e um corte espacial – seleção, enquadramento, isolamento" (BUITONI, 2011, p.163), diferentemente da imagem em movimento (o vídeo). No fotojornalismo geralmente se busca fotografar imagens que remetam a movimento, posturas, expressões, que de certa forma transmitam o pensamento da pessoa fotografada. Daí entra a questão da comunicação não verbal, que transparece através do corpo, dos artefatos utilizados, roupas, acessórios.

A imagem no meio eletrônico vem trazendo mudanças no armazenamento e fruição. "A imagem digital propiciou espetacularidade e mobilidade" (BUITONI, 2011, p.177). Espetacularização quando ela nos comove, nos choca, nos reflete a realidade e mobilidade quando há as várias possibilidades de inserção em vários meios. Dialogando com a questão da interface, vemos a imagem como uma interface, juntamente com o texto e áudio, o que nos dá a possibilidade de criação no meio digital.

As narrativas multimídias no webjornalismo, em especial do fotojornalismo, se deve a uma demanda de um público novo que prefere as notícias em formato visual ou audiovisual, ao texto. Daí surgem sites como youtube, que dão a possibilidade de vídeo, áudio e foto em um só local, substituindo as narrativas textuais. Essa mudança se deve também ao novo formato de vida da população. Com cada vez menos tempo disponível, multitarefas e volume grande de informação, o indivíduo busca por notícias ou informação via internet que seja rápida e de fácil acesso.

3.2 O Surgimento da Fotorreportagem

Gênero do fotojornalismo, a fotorreportagem tem a função de narrar histórias. Segundo Agostineti (2010) ela "nasce na Alemanha na década de 1920 e se expande pelo mundo

com a ascensão do regime nazista, em 1933", passando a circular primeiramente em revistas ilustradas, juntamente com o texto.

Com o tempo, as imagens foram sendo inseridas juntamente com legendas, como complemento, e ganhando mais força. A fotorreportagem tem esse poder de representação: a imagem fala por si própria. Entretanto, ela precisa ser inserida num contexto social e ideológico, buscando retratar ou se aproximar da realidade do tema que ela se propõe narrar.

Dentro desse contexto, a reportagem fotográfica, segundo Peixoto (2016, p.37) "é um gênero informativo composto por um conjunto de imagens relacionadas a um mesmo assunto e acompanhadas por um texto curto...", que dão sentido ao tema escolhido pelo produtor da fotorreportagem.

"A primeira noção de fotorreportagem é a de várias fotos articuladas com textos que ajudam a criar um movimento de leitura para o receptor", diz Agostineti (2010, p.1) e é o que chamamos hoje de 'picturie stories', que são as transições de fotografias que contam uma história e "subdividem-se em foto-ensaio (contam uma história sobre um ponto de vista individual) e foto-reportagem (apresenta fins documentais)" (PEIXOTO, 2016, p.40).

O autor da fotorreportagem pode ressignificá-la, de acordo com seu interesse, e isso altera a forma de produção e recepção. Além disso, ele também deve compartilhar dos mesmos signos do receptor, para que haja entendimento, ou, em outras palavras,

> se existe narrativa fotográfica em forma de fotorreportagem é porque tanto autor/fotógrafo quanto receptor compartilham signos, memórias, convenções sociais que não são ditos explicitamente nas fotografias, mas que dão pistas para a formação de um a narração. (AGOSTINETI, 2010, p.02)

Ou seja, a construção de sentidos se dá através da introdução de códigos e signos dentro da narrativa de um fato, ou de um acontecimento. Esses signos devem ser de comum conhecimento para que a recepção tenha sido válida. Uma vez que o tema da fotorreportagem deste TCC está imerso na cultura Nordestina, o receptor precisará ter o mínimo conhecimento sobre a temática.

O intuito não é ser didático, e sim inserir o receptor num universo no qual, mesmo leigo, ele possa compreender do que se trata. Sendo assim, a narrativa é conduzida, de forma fluída, buscando provocar no receptor o sentido de pertencimento e reconhecimento da sua cultura. Busca-se narrar parte de uma história, ou melhor, as várias histórias da Quadrilha Asa Branca, expondo as dores e delícias de se fazer parte de uma quadrilha junina.

Falar sobre um grupo com 24 anos é ter muitas histórias para contar, "pois, para que pluralidade das culturas do mundo seja politicamente levada em conta, é indispensável que a diversidade de identidades nos possa ser contada" (MARTÍN-BARBERO, 2006). Histórias de superação, encontros e despedidas, resistências e aprendizados. Muitas pessoas passaram pelo grupo e escolher o que entra e o que fica de fora da fotorreportagem é tarefa árdua, pois requer um recorte de um tema dentro de outro grande tema: o Universo Junino.

O Imaginário coletivo, as vivências particulares, os traços em comum de indivíduos que compartilham de uma mesma cultura são utilizados como formas subjetivas de entendimento. Através do áudio e das imagens, o receptor filtra aquilo que lhe é comum, no sentido de identidade e pertencimento, e o restante fica como novo conhecimento.

Vivemos numa sociedade onde a imagem é supervalorizada. Essa valorização foi possível através do desenvolvimento da tecnologia e possibilidades digitais, seja na aquisição de câmeras modernas, como na circulação das imagens digitais via internet. O homem é um ser altamente visual e utiliza a internet como meio de compartilhar informações, experiências, lugares, fazeres, muitas vezes através da imagem.

Representar a realidade é função de todas as formas comunicativas que visam registrar algo. A imagem, como uma forma comunicativa, ainda é vista como a representação fiel da realidade e a documentação dessa realidade fotográfica é função do fotojornalismo, embora o recorte feito possa ser totalmente dissociado do contexto em que foi tirado.

Nessa relação local - global, que tornam as pessoas mais próximas umas das outras, as imagens que circulam pela internet podem ser visualizadas de qualquer lugar do mundo,

seja mediado pelo suporte que é o computador, como também pelo celular ou tablets, promovendo o processo denominado desterritorialização.

A fotorreportagem pode transitar pela internet, e com isso ganhar um novo espaço de representação. As imagens da Quadrilha podem ser vistas pelo sujeito que mora no sul do Brasil, como também por alguém que vive em outro continente. Através da internet, as quadrilhas se expandem e ganham o mundo. Elas perdem o caráter de conhecimento local para o conhecimento de outras culturas. Ela pode ser vista através da imagem digital e do vídeo, ou do slideshow, formato utilizado nesta fotorreportagem.

"A imagem fotográfica na Web, assim como no impresso, em certas ocasiões, assume o papel de texto autônomo" (FERREIRA, 2003), diferentemente da imagem jornalística, que vem acompanhada de um texto ou legenda que complemente a imagem. A fotorreportagem fala por si só. Ela se complementa, restando à legenda o papel de coadjuvante.

A internet também funciona como um banco de dados, um repositório de informações com historicidade. "A Web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para o material noticioso" (FERREIRA, 2003), que pode ser revista a qualquer hora, desde que esse material não seja restrito a um grupo de pessoas, ou seja, "com a construção dos bancos de imagens disponíveis virtualmente, as fotografias digitais também têm um uso como registro histórico e documentação, como uma memória" (FERREIRA, 2003).

> A fotografia empregada na Web, como recurso de narrativa jornalística, que inclui a possibilidade de uma maior interatividade, de personalização e memória decorrentes diretas das características da própria Internet é um elemento multimídia passível de ser utilizado na webnotícia. (JÚNIOR; PEIXOTO, p.09)

A imagem fotográfica imprime mais realidade que o texto escrito. Ela é a eternização de um instante, e quando construída em forma de narrativa, torna-se absoluta. A fotorreportagem propõe justamente isso, trazer uma ruptura da imagem estática para o processo multimidiático. A partir disso, outras mídias (texto, áudio, vídeos) passam a coexistir no mesmo ambiente das fotografias, dando movimento às imagens, possibilitando o aparecimento do formato slide show.

3.3 O Formato

O Slide Show é a união de todas as possibilidades midiáticas. Em tempos de convergência, temos o aproveitamento da tecnologia para a inserção de hiperlinks, áudios, textos, que complementam a informação, trazendo modificações também na forma da narrativa.

> A fusão de formatos, como o som e a fotografia nos *slideshows*, está a comprovar que, mais do que a presença decisiva da imagem fotográfica nos meios digitais, tais produtos fotojornalísticos abrangem com facilidade não apenas o registro estático, do instantâneo capturado por um milésimo de segundo, mas também o som, numa combinação de materialidades, onde o áudio dá movimento à narrativa de imagens. (LONGHI, 2010, p.07)

A exemplo de trabalho realizado em formato slideshow, temos o "fotolivre.ufsc", criado pelos alunos do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, e que pode ser referenciado como projeto similar ao trabalho atual. O objetivo desse projeto é envolver os alunos de Jornalismo na produção de fotografias no fotojornalismo na web e fazer com que essas imagens circulem para o público acadêmico e toda a comunidade através da utilização de softwares livres (creative commons). O 'fotolivre.ufsc' funciona como um banco de fotos que podem ser compartilhadas.

> A ideia de criar um site com banco de imagens produzidas pelos alunos do Curso de Jornalismo da UFSC nasceu como uma forma de abrir um espaço para divulgação de sua produção e proporcionar possibilidades de criação e experimentação de formatos fotojornalísticos nos meios digitais. (LONGUI; TORRES, 2011, p.03)

Uma vez que a tradição junina de dançar quadrilha vem caindo no esquecimento, o objetivo deste trabalho em formato slideshow é circular na internet e tornar-se conhecido ao grande público, seja acadêmico, tanto o público apreciador da cultura popular como aqueles que não conhecem o grupo. Quanto mais visibilidade a manifestação tiver, menos chance ela terá de chegar ao fim.

A partir daí, foi necessário o manejo e conhecimento de ferramentas de edição de áudio e imagens. Os programas utilizados foram o LightRoom (edição de imagens), o audacity (edição de áudio) e o Sony Vegas (construção da fotorreportagem em formato slideshow).

A atividade fotojornalística sofreu modificações ao longo do tempo, e isso possibilitou um avanço na forma de retratar o mundo e suas várias realidades. A tecnologia provocou uma cultura do consumo da imagem, que está atrelada a questão do lucro. Consumir cultura é consumir produtos.

A contribuição da fotorreportagem sobre a quadrilha é mais uma maneira de colocar em evidência uma manifestação que tem perdido força, tanto por conta de problemas internos, quanto da própria mídia, que através das emissoras dita o que deve e o que não deve entrar na grade da programação.

Embora as quadrilhas tenham um apelo visual muito forte, característica das manifestações culturais e por conta das roupas coloridas, das danças, das canções, sempre animadas e que tratam de assuntos referentes à cultura nordestina, elas não tem um apelo mercantil. As quadrilhas precisam dessa visibilidade para que caiam no esquecimento, para a sobrevivência das suas identidades e tradições.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico do que já foi produzido sobre o tema, seja sobre as quadrilhas em geral, seja sobre a Quadrilha Asa Branca. Encontrei algumas pesquisas de fora da Bahia, e pouquíssimas, para não dizer nenhuma, pesquisa sobre quadrilha no território baiano. Em seguida, busquei acompanhar alguns eventos em que a quadrilha participou, eventos dos quais citarei em seguida.

Paralelo a isso, surgiu a ideia de criar um produto experimental multimídia, através da observação, entrevistas e experiências, tornando visível a realidade deste grupo em outras mídias que não as convencionais (TV, Rádio). A fotografia teve papel fundamental nesse percurso e meu objetivo era fazer a quadrilha ser vista.

Para a concretização do projeto, foram realizadas entrevistas de campo com alguns personagens da quadrilha Asa Branca, os dirigentes, produtores, coreógrafos, costureiras, o pessoal envolvido na equipe de produção e ex- quadrilheiros, a fim de conhecer mais de perto a realidade e dia a dia do que é fazer parte de uma quadrilha.

A coleta de dados através da observação direta, além das entrevistas, também foi importante. Os instrumentos utilizados foram diário de anotações, contendo perguntas pertinentes para cada personagem, um gravador de voz (celular) e uma câmera fotográfica. Outro recurso utilizado foi o gravador de voz do whatsapp.

Foi realizado também um levantamento dos concursos de quadrilha existentes no Território Baiano, bem como sua importância para as quadrilhas e a cobertura fotográfica dos eventos em que a quadrilha Asa Branca foi convidada a participar, dentre os quais estão a Caminhada de Cultura da Bahia, realizada no mês de janeiro deste ano no Dique do Tororó, a apresentação no Sesc Senac, no Pelourinho, os ensaios abertos do projeto Asa Branca itinerante, e a estreia do grupo no Arraiá do Galinho, que ocorreu no Parque de Exposições da Bahia, em junho.

Após a coleta de informações, que duraram cerca de sete meses, foram selecionadas as principais fotos, vídeos e áudios que comporiam a narrativa do projeto em questão. As

fotos foram escolhidas de acordo com a narrativa dos áudios, compondo uma sequência lógica entre as falas.

Toda essa pesquisa me possibilitou ter uma olhar e repertório mais abrangente sobre esse universo de quadrilhas juninas, antes desconhecido. Com esse contato, pude compreender sobre questões culturais que envolvem o movimento junino e sobre as dúvidas levantadas na introdução deste trabalho.

As culturas tem se apropriado cada vez mais da tecnologia, através dos processos de cooptação e hibridização. O registro fotográfico é o mais recorrente entre indivíduos que desejam fazer o recorte de um momento, seja de uma festa, de um encontro familiar ou de alguma manifestação cultural. Essas mesmas imagens podem transitar pela internet com mais fluidez quando inseridas outras mídias, motivo que me fez escolher o slideshow como formato da fotorreportagem. Através da fotorreportagem seria possível comunicar informações relevantes sobre a quadrilha e o sobre o movimento junino. Definido o formato, era só colher as fotos e os áudios.

4.1 A Narrativa

Para a construção da fotorreportagem, foi necessária a escolha de personagens que tivessem suas estórias cruzadas, dentro do mesmo grande tema: a Quadrilha Asa Branca. Durante as entrevistas foram utilizados equipamentos para gravação de áudio e captura de imagens, que comporiam o formato.

O processo de construção da fotorreportagem da Quadrilha Asa Branca foi o seguinte: a partir da coleta de informações referentes ao grupo (áudios de entrevistas, fotos, músicas, vídeos), foi criada uma narrativa sobre a temática do projeto, que são os enfrentamentos e reconstruções sofridos pelo grupo em tempos da indústria cultural no São João. A narrativa é construída através das imagens fotográficas.

Para situar o espectador, dividi a narrativa em três partes. Na primeira parte, inicio com o auge – a vitória do grupo como melhor quadrilha junina em 2002, no estado de Tocantis- e as experiências pessoais de cada. Faço uma breve introdução sobre o universo das quadrilhas, o que move as pessoas a estarem na quadrilha, as relações de

amor e apresento alguns personagens dos quais julguei que os relatos seriam importantes serem citados. Questões relacionadas à identidade estão imbricadas neste momento da fotorreportagem, na tentativa de sustentar meus argumentos no memorial de que as quadrilhas estão inseridas no universo da cultura popular e que são produtos que representam a identidade do povo nordestino. E é o reconhecimento dessa identidade que provoca nos quadrilheiros o sentido de pertencimento e continuidade da luta pela preservação do movimento.

Igualmente, abordo, através das falas, sobre aspectos referentes às origens do São João, as raízes, as formas de comemorar, os ritos, significados e símbolos. Através disso foi possível perceber as diferenças entre as formas de se comemorar o São João antigamente e as formas contemporâneas, a importância da tradição, do reconhecimento das identidades do povo nordestino e a nostalgia perceptível nas falas de cada entrevistado.

A segunda parte é toda voltada as questões cotidianas de quem faz parte de uma quadrilha junina estilizada, as dificuldades, os pormenores e fragilidades do movimento. Os temas recorrentes nas falas referem-se à falta de investimento do Estado no movimento junino, sobre a questão da invasão das festas privadas no período do São João, ocasionado pela indústria cultural, o que fez com que até mesmo a estrutura das quadrilhas juninas sofresse modificações. Nesse novo redesenho, as quadrilhas passaram a ter um caráter de espetáculo e com isso onerou os custos nos figurinos e cenários, as exigências aumentaram e a rivalidade entre as quadrilhas só fez piorar. Por todos esses motivos e outros que não foram citados, a quadrilha deixou de ser interessante para muitas pessoas, inclusive para os jovens.

Na terceira e última parte estão centrados relatos de resistência, continuidade e esperança num movimento que já se deu como falido, mas que algumas pessoas ainda insistem em continuar. Apesar das tentativas de manutenção do movimento, as quadrilhas não tem tido a mesma importância que tinham quando surgiram, por exemplo, quando os eventos pelos quais elas concorriam eram televisionados. Apesar das exigências aumentarem na contemporaneidade, elas foram esquecidas pela mídia, por conta da interferência do capitalismo nas festas populares e apontam para a existência de uma sociedade midiatizada que modifica aspectos da cultura.

Quanto a questão técnica, serão utilizadas três formas de fotografia: as instantâneas, que dependem do olhar do fotógrafo no momento de registrar o fato ou a informação, as fotografias elaboradas, que não são flagrantes e o repórter tem um controle maior sobre o tema a ser fotografado e as fotografias de arquivo, todas concedidas pelos donos.

O retrato também é um dos gêneros fotojornalísticos utilizados. Nele há a intervenção do repórter fotográfico, no sentido de escolher pose, local da fotografia, flagrante consentido, segundo Peixoto (2016). A foto é montada de acordo com o objetivo do produtor. Ela é altamente intencional. Além disso, fotos de detalhes e aquelas inusitadas também serão utilizadas na produção da fotorreportagem.

A escolha das fotos segue a sequência da narrativa. Utilizo fotos autorais e algumas fotos de arquivo, que foram concedidas pelos próprios quadrilheiros, fotos com até vinte anos, que precisaram ser restauradas num programa de tratamento de imagens, pois muitas estavam num estado péssimo de qualidade.

Em relação à escolha das músicas, fiz uma seleção de algumas músicas de Luiz Gonzaga, cantor homenageado que dá nome à Quadrilha. Durante esses nove meses, debrucei-me sobre suas músicas na tentativa de compreender sobre o universo nordestino, seu povo e sua cultura. Também me concentrei no repertório de apresentações da Asa Branca deste ano, composta por cantores como Jackson do Pandeiro, Marinês, Banda de Pau e Corda e quinteto violado. Todos esses músicos ampliaram minha bagagem sobre cultura nordestina, tanto musicalmente quanto historicamente. Para mim, foi um tanto prazeroso ouvi-los, uma vez que já escuto algumas músicas de forró em casa.

Utilizei também pequenos trechos de vídeos retirados do Youtube de apresentações da Quadrilha Asa Branca no programa ao pé da fogueira, exibidos pela TV Record, na tentativa de manter dinâmica a apresentação e mostrar através das imagens não estáticas o antes e o depois das quadrilhas, as danças e roupas, tudo que envolvesse os primeiros anos de apresentação da quadrilha.

Algumas informações levantadas foram retiradas da interne, mas a maioria delas veio dos próprios quadrilheiros ou ex-quadrilheiros, que se propuseram a me ajudar nessa empreitada. A partir desses relatos, pude identificar e reconhecer o amor que todos eles nutrem não só pela quadrilha, mas pelo movimento junino. Todos eles, de alguma forma, fazem o movimento ter continuidade, apesar de ter seus dias contatos.

De certa forma, pude compreender que o amor é o combustível que impulsiona não só esses quadrilheiros, como tantos outros, que por paixão ao movimento, investem tempo e dinheiro neste movimento e que por vezes criam seus próprios grupos, na tentativa de manter as tradições populares vivas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINETI, Kaíque. Fotorreportagem: a Apropriação Imagética da Narrativa Jornalística. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Caxias do Sul, RS - 2 a 6 de setembro de 2010.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que "não é sério". Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1998. 387 págs.

ANDRADE, Rafael Moura de; **JUNIOR**, José Afonso da Silva. Usos e Características do Fotojornalismo digital na contemporaneidade: A convergência no Fotojornalismo Digital. XVIII Comic e II Comiti. 2010.

BARROSO, Hayeska Costa. “Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar.”: o ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará. Ceará, 2013. 107 págs.

BUITONI, Dulcilia Schoroeder. Relação Texto/Imagem, Imagem Complexa, Imagem Estática, Imagem em Movimento. In: PRADO, Magaly (org.). **Fotografia e Jornalismo: A informação pela imagem.** São Paulo: Saraiva, 2011, Cap. 11, p.155-167.

CARVALHO, André Luiz Piva de. Festa e Identidade Social. [on-line] In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades Disponível via WWW no URL http://anaiscoloquiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html. Internet,2011. Capturado em 24/abril/2016.

CASTRO, Janio Roque Barros de. Da casa à praça pública: A Espetacularização das Festas Juninas no Espaço Urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.

CHIANCA, Luciana. São João: a mais brasileira das festas. [on-line] In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades Disponível via WWW no URL http://anaiscoloquiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html. Internet,2011. Capturado em 24/abril/2016.

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário. Editora Iluminuras Ldta. São Paulo. 1997. 384 págs.

DAMASCENO, Rubem Tadeu Braga. ANAVANT ANARRIÊ: Uma Experiência Teatral na Quadrilha Junina Forró Mandacaru. Salvador, 2011.

FERREIRA, Jorge Carlos Felz. A Imagem na Web: Fotojornalismo e Internet. 2003.

JUNIOR, José Afonso da Silva; **PEIXOTO**, João Guilherme de Melo. Produção e Pós Produção no Fotojornalismo Contemporâneo: o que muda com o digital?

KELLNER, Douglas Cultura da Mídia e Triunfo do Espetáculo. In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.119-148.

LONGUI, Raquel Ritter. Formatos de linguagem no webjornalismo convergente: a fotorreportagem revisitada. SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Universidade Federal do Maranhão, São Luís), novembro de 2010.

LONGUI, Raquel Ritter; TORRES, Jessé Antunes. Fotojornalismo e Software Livre: Fotolivre.UFSC. Revista eletrônica de extensão. Florianópolis, Ano 8, n. 11, p.131-139, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, Alteridades: Mudanças e Opacidades da Comunicação no Novo Século. In: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.51-79.

MORAES, Dênis de. A Tirania do Fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.33-50.

MUNHOZ, Paulo. Estágios de Desenvolvimento do Fotojornalismo na Internet. Diálogos & Ciência - Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n. 11, set. 2007.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. A Festa junina no Nordeste: no Limiar entre Produto e Tradição Ressignificada. [on-line] In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades Disponível via WWW no URL http://anaiscoloquiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html. Internet,2011. Capturado em 24/abril/2016.

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. Circulação de conteúdo no fotojornalismo contemporâneo: aspectos sobre arranjo, participação e narratividade. Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano V, n. 08 - jan- jun/ 2012.

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. Fotojornalismo e Narratividade: aspectos sobre convergência digital e modelos de circulação da produção fotojornalística na web. Pernambuco.

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. Um percurso possível do fotojornalismo a partir dos seus manuais: a construção do discurso visual da notícia por meio de suas regularidades normativas. Recife, 2016.

Regulamento do Campeonato Regional da Bahia. Federação Baiana das Quadrilhas Juninas 2011 (FEBAQ). <http://orkut.google.com/c108944374-t651a646229231f51.html> Acesso em 09-09-2016.

ROSA, Guilherme Carvalho da. A Discussão do conceito de identidade nos estudos culturais. Porto Alegre/RS.

SANTOS, Eliseu Ramos de. A Cultura Popular e as quadrilhas juninas. Revista Desenredos - ISSN 2175-3903 - ano IV - número 14. Teresina, Piauí - Jul/Ago/Set de 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma História crítica do Fotojornalismo Ocidental. Porto, 1998, 420 págs.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado: história oral. Capítulo: A entrevista. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.